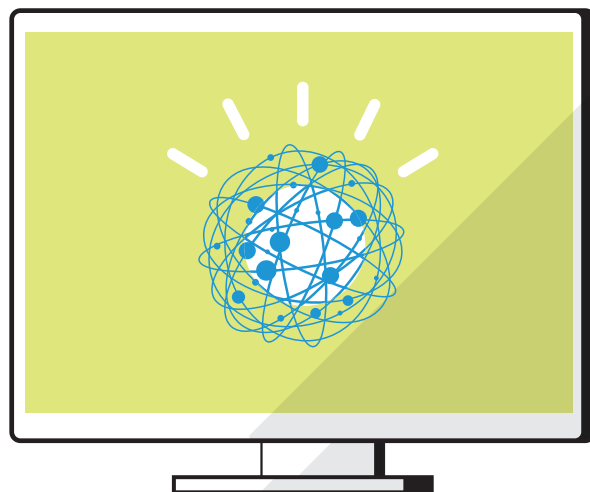


SUPERCOMPUTADOR A FAVOR DA SAÚDE

Inteligência artificial vira realidade e pretende modificar pra valer o contra-ataque a doenças

A empresa americana IBM acaba de trazer ao Brasil a primeira versão do Watson, supercomputador que inaugura uma nova era na tecnologia. A máquina é capaz de interpretar a linguagem humana, se adaptar e aprender com o passar do tempo. Uma das primeiríssimas aplicações do dispositivo será justamente o combate ao câncer. O Watson Oncology foi desenvolvido em parceria com o Memorial Sloan Kettering Cancer Center, nos Estados Unidos. Para utilizar a ferramenta, o médico

precisa informar ao sistema o prontuário do paciente, com suas características e os resultados de exames. “A partir daí, o Watson cruza os dados individuais com tudo o que já foi publicado em estudos sobre o tema e sugere as principais opções de terapia para aquele caso. Isso personaliza totalmente o tratamento”, descreve a médica Mariana Perroni, da IBM. A companhia já está em conversa com diversos hospitais públicos e privados do país e deve implantar a novidade por aqui nos próximos meses.



O DOUTOR VIRTUAL

WATSON CLINICAL TRIAL MATCHING

Vasculha os ensaios clínicos de novas drogas em andamento em todo o planeta para quem está disposto a se tornar voluntário.

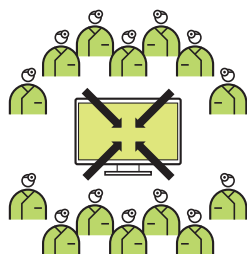
WATSON GENOMIC ANALYTICS

Estuda o DNA de pessoas com câncer para saber o papel da genética na enfermidade — e, daí, apontar a abordagem mais efetiva.

WATSON DISCOVERY ADVISOR

Voltado para cientistas, faz uma revisão do conhecimento sobre determinado tema e dá dicas e sugestões para novas pesquisas.

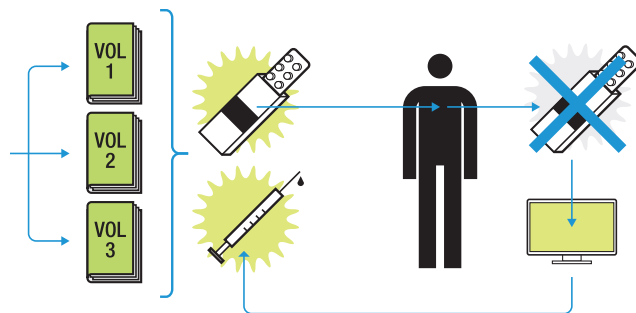
ELEMENTAR, MEU CARO... Entenda como a invenção da IBM funciona



1 O Watson foi “treinado” por 5 mil horas no hospital, onde aprendeu tudo sobre o câncer.



2 O profissional insere o prontuário do paciente. A máquina lê e interpreta todas as informações.



3 Ela relaciona os dados pessoais com tudo o que conhece e indica a melhor terapia disponível.

4 Caso a primeira escolha não dê efeito, a tecnologia lista outras abordagens e aprende com os erros.

GENÉTICA PARA DEIXAR DE FUMAR

Pesquisa brasileira otimiza o uso de comprimidos contra a dependência por meio de análise do DNA

Em um trabalho pioneiro, cientistas do Instituto do Coração (InCor), em São Paulo, desvendaram que os genes podem influenciar na escolha do melhor fármaco para combater o tabagismo. Após analisar os cromossomos de 483 fumantes, eles notaram que determinadas características genéticas favorecem o efeito do remédio vareniclina em um grupo de indivíduos, enquanto outra parcela se mostrou mais propícia à ação da bupropiona (*leia mais sobre eles abaixo*). “A ideia é que os testes genéticos tornem o tratamento mais objetivo e certo”, explica a cardiologista Patrícia Gaya, que apresentou os achados no último congresso da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo.

REMÉDIOS VERSUS CIGARRO

VARENICLINA

O comprimido age nos receptores de nicotina que existem no cérebro. Faz o indivíduo perder o prazer de fumar.

BUPROPIONA

Antidepressivo que atua na dopamina, neurotransmissor ligado ao bem-estar. Ajuda a lidar com a abstinência.

ADESIVO

Repõe a nicotina por meio da pele e permitiria largar o vício aos poucos. Sua eficácia, porém, é baixa.



Tratamento seguro?

“Apesar de estarem aprovadas em muitos países [*inclusive no Brasil*], ainda pairavam dúvidas sobre os efeitos colaterais da vareniclina e da bupropiona em pessoas com doenças psiquiátricas”, conta a cardiologista Jaqueline Scholz, diretora do Programa de Tratamento do Tabagismo do InCor. Mas um estudo capitaneado pela Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos, resolveu a celeuma. “Nenhum dos dois medicamentos aumentou a incidência de eventos adversos moderados ou graves em sujeitos saudáveis ou com algum problema”, revela o psiquiatra Robert Anthenelli, líder da investigação que envolveu mais de 8 mil participantes de 16 países e foi publicada no periódico *The Lancet*.